

O mundo misterioso do sadomasoquismo

Márcio Ferrari



Prazeres proibidos: Erotismo, gênero e limites da sexualidade
 Maria Filomena Gregori
 Companhia das Letras
 288 páginas | R\$ 69,90

Na primeira das duas partes deste livro, a antropóloga Maria Filomena Gregori, professora da Universidade Estadual de Campinas (IFCH-Unicamp), apresenta uma face do erotismo contemporâneo que ganhou força e visibilidade nas últimas décadas. É o “erotismo politicamente correto”, na designação um tanto irônica da autora: aquele que enfatiza nas práticas sexuais a segurança e os benefícios à saúde e à autoestima. Esse território hoje iluminado e aberto a quem quiser ver leva Maria Filomena a estudar, na segunda parte, “um mundo misterioso”, nas palavras do prefácio escrito por Eliane Robert de Moraes, professora da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP) e organizadora da *Antologia de poesia erótica brasileira* (editora Ateliê, 2015). Trata-se do universo do sadomasoquismo, que permitiu a Maria Filomena encarar o principal desafio a que se propôs ao editar em livro os resultados de uma pesquisa realizada ao longo de 13 anos: “discutir as articulações entre prazer e perigo” em atividades cercadas de tabus que se desenrolam em “masmorras” (*dungeons*), nas quais jogos (*plays*) com chicotes, acessórios de couro, cordas atadas em nós e com a suspensão de corpos humanos tiram seus adeptos por algumas horas daquilo que chamam de vida “bainilha” – a rotina comum.

A fase exploratória da pesquisa consistiu em visitas a sex shops em São Francisco e Berkeley (EUA) e, algum tempo depois, São Paulo. São Francisco foi escolhida por ser considerada um “lugar de maior tolerância para o exercício de escolhas sexuais alternativas”. Ao contrário das lojas de cidades mais conservadoras, em que a imagem do corpo feminino era o atrativo mais visível e os brinquedos eróticos se apresentavam como destinados primordialmente a casais heterossexuais, em São Francisco esse padrão era quebrado nas lojas para gays e na Good Vibrations, criada em 1977 por Joani Blank, “especialista em saúde pública sintonizada com o feminismo”. Nesses sex shops, o sadomasoquismo era tratado como qualquer outra modalidade de sexo e, além dos artefatos destinados aos *plays*, eram oferecidos também manuais com regras de

conduta para minimizar os riscos das práticas sadomasoquistas, em que são tênues os limites entre encenação, dor consentida e violência. O princípio que orientou a criação da Good Vibrations, contudo, é o oposto de uma normatização “politicamente correta”. Em um texto citado e endossado por Maria Filomena, Joani Blank afirma que “a ideia de que o prazer pelo simples prazer é motivação suficiente para a atividade sexual e que nenhuma forma de experiência sexual é moral, estética ou romanticamente superior a outra, é a filosofia subversiva por trás dos brinquedos sexuais”.

Quando a pesquisa chega a São Paulo, Filomena e sua equipe de pesquisadores recolhem informações em sex shops de várias regiões, com diferentes tipos de público, e encontram na área de comércio mais luxuoso da cidade o exemplo principal de “erotismo politicamente correto”, uma loja voltada quase exclusivamente ao público feminino, estimulado a “apimentar” suas relações estáveis. Ao contrário do que aconteceu em São Francisco, no Brasil essas lojas não surgiram por ativismo feminista, mas por demanda de mercado. Entretanto, abordar o fenômeno – assim como a emergência mais recente de produtos e serviços para as práticas sadomasoquistas – sob um ponto de vista exclusivamente econômico elimina indagações mais complexas sobre as transgressões às normas geradas por essas práticas.

Para a autora – que descreveu no livro mais de uma visita a clubes de sadomasoquismo, fez entrevistas e manteve contatos com redes de praticantes –, o interesse em investigar os rituais desse “mundo misterioso” reside “no fato de mobilizarem e mostrarem com força dramática [...] as materializações e corporificações de normas de gênero e de sexualidade”. Sem subestimar a satisfação propriamente corporal que a confluência de dor e prazer traz aos praticantes do sadomasoquismo, Maria Filomena Gregori defende que suas representações têm um valor e uma função em si mesmas: “As paródias, os arremedos e as simulações produzidas mobilizam um jogo que põe em cena as posições de poder, as figuras que as ocupam e as marcas de diferenciação social, colocando-as em risco”.